

# Saberes kaingang enquanto resistência e fortalecimento da cultura indígena

**ADROALDO ANTÔNIO FIDELIS**

*FUNDAÇÃO NACIONAL DOS POVOS INDÍGENAS – FUNAI, CHAPECÓ/SC, BRASIL*  
*HTTPS://ORCID.ORG/0000-0003-1168-5925*  
*ADROALDOANTONIOFIDELIS@GMAIL.COM*

**CLÁUDIA BATTESTIN**

*UNIVERSIDADE COMUNITÁRIA DA REGIÃO DE CHAPECÓ – UNOCHAPECÓ, CHAPECÓ/SC, BRASIL*  
*HTTPS://ORCID.ORG/0000-0001-7871-9275*  
*BATTESTIN@UNOCHAPECO.EDU.BR*

## Introdução

A escrita deste artigo é resultado de dois anos de estudos realizados durante o curso de mestrado em educação na Universidade Comunitária da Região de Chapecó – Unochapecó. De autoria do Kaingang Adroaldo Fidelis e da professora orientadora Cláudia Battestin, a pesquisa caminhou com a sintonia de ambos, que percorreram territórios e sentidos na coletividade. Adroaldo recebeu a bolsa social da instituição, que oferece formação intercultural para os povos originários desde o ano de 2009. Importante destacar que Adroaldo é o primeiro Kaingang da comunidade Toldo Chimbanguê a receber o título de mestre e, no início do ano de 2023, foi nomeado pelo Ministério dos Povos Indígenas para assumir o cargo de coordenador regional do interior Sul da FUNAI. Para conhecer mais sobre a trajetória da pesquisa, acessar a notícia publicada recentemente conforme informações em nota<sup>1</sup>.

A escrita deste artigo quer dar visibilidade aos saberes ancestrais dos povos originários, que historicamente foram rechaçados e ocultados pelos diversos projetos de colonização no Brasil. Esse ne-

<sup>1</sup> Disponível em: <https://www.unochapeco.edu.br/noticias/mestre-em-educacao-pela-uno-e-eleito-coordenador-regional-interior-sul-da-funai>. Acesso em 25 de abr de 2023.

gacionismo do saber e conhecimento provocou o ocultamento do entendimento e compreensão do mundo cosmológico desses povos. O que se inicia com a negação da identidade, segue com a intenção de desumanizar pela exclusão, violência e genocídio cultural.

Essas e tantas outras influências silenciaram por várias gerações as vozes do povo Kaingang, pois prevalecia a ideia de que o indígena era “demoníaco” e, como tal, deveria ser destruído. Esse mundo do outro era interpretado como “negativo, pagão, satânico e intrinsecamente perverso” (Dussel, 1993: 60). Essa ideia não é tão distante do que vivemos recentemente com a tentativa de genocídio dos povos Yanomami no Brasil, decorrente do garimpo ilegal e contaminação dos territórios, gerando desnutrição e morte à população. No entanto, é importante mencionar que esta luta dos povos Yanomami é antiga, mas a mais violenta ocorreu na década de 1970 com a abertura da rodovia e com a chegada de milhares de garimpeiros que persistem em invadir e extrair as riquezas da terra.

Os povos originários identificados no vasto território brasileiro apresentam imensas diferenças culturais. Possuem símbolos de identificação únicos e próprios de cada povo. Seus contos, crenças, tradições, hábitos alimentares, mesmo diante de influências aos costumes, se mantêm na força e resistência. Suas diferenças culturais são muitas, principalmente pelos seus saberes. Infelizmente aquele que não é indígena tem, por vezes, usado a linguagem da ignorância afirmando que “índio é tudo igual”.<sup>2</sup>

Dado todo processo histórico de dominação, há muito tempo os saberes tradicionais oriundos do conhecimento milenar dos povos originários, ao mesmo tempo em que foram descredibilizados, passaram por uma série de apropriações forçadas. A “aprendizagem” – que desde a era da catequização na América Latina se voltava à submissão desses povos – foi sendo estruturada para manutenção de um modelo dominador de educação que, por vezes, causou negação dos saberes dos povos (Fidelis & Okawati, 2021).

Esse processo histórico de negação de direitos, frente à ocupação do Sul do Brasil pela colonização, é visto e sentido até hoje nas sociedades indígenas como momento crucial de perda da cultura. No ato de se autodeclarar ou autor reconhecer como Kaingang, manifestam-se expressões pejorativas por parte do não indígena que relaciona essa figura a um ser selvagem e primitivo. Ainda, se o Kaingang estiver utilizando um aparelho celular, tiver internet em casa e um automóvel, já não é aceito ou compreendido como parte de um povo originário pelo não indígena, passando assim por exclusão. No século XXI, os espaços educativos de mediação de conhecimentos da educação escolarizada buscam constantemente protagonizar o indígena na luta contra esse preconceito. Cabe destacar que as políticas públicas de inclusão no Brasil contribuíram para o reconhecimento e valorização dos povos originários.

O ser Kaingang vai além da compreensão de muitos olhares de fora da cultura. Está ligado à língua, hábitos alimentares, crenças, contos e tradições, ou seja, simbologias culturais que precisam estar em constante manifestação prática. Essa cultura, conhecida como ancestral ou dos antigos, ainda é cultivada no seio do território Kaingang. Ademais, as identificações culturais têm fortalecido a identidade e o respeito a suas próprias cosmologias tradicionais, tanto pelos indígenas como pelo não indígena.

2 O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apresentou o censo demográfico do ano de 2010 o registrou a presença de 817.963 indígenas. O Censo Demográfico do ano de 2022, até o momento da escrita deste artigo, divulgou números preliminares da população indígena, dobrando o número para 1.652.876 indígenas na população brasileira. Os dados referentes às 274 línguas indígenas e 305 etnias, ainda seguem com os dados de 2010, sem divulgação preliminar. Mesmo assim, mostra a grande diversidade existente de povos originários no Brasil.

Saberes que em diversos momentos são transmitidos ao redor do fogo, na contação de histórias antigas, coleta de ervas medicinais, manejo e plantio do solo, coleta de comidas tradicionais, prevalência dos hábitos alimentares, danças, cantos, rituais, caminhada na mata, ciclos lunares, no sol, plantas, rios, animais. Enfim, os saberes Kaingang, mesmo diante de tantas interposições, ainda permanecem na sabedoria dos nossos *kofá*. Esses são os principais temas que ganharão centralidade na escrita deste artigo.

## Os saberes kaingang contados pelos *Kofá*

As contações de histórias na vida de um Kaingang, fazem parte da vida desde a infância até o “sono profundo do corpo”. A infância Kaingang é colorida de imagens que enriquecem o imaginário de uma criança, que cresce ouvindo as histórias contadas pelos mais velhos da comunidade, os *kofá*. A criança nem caminha ainda e já ouve dos mais velhos as histórias do corvo e do sapo, da saracura, do macaco e do tigre, de caapora, de lobisomem, enfim, saberes que se aprendem em casa.

De modo a fortalecer a educação originária a partir do núcleo familiar, desde os primeiros anos de vida as crianças recebem os ensinamentos a partir da oralidade, um costume mantido nas comunidades desde tempos imemoriais. De acordo com Narsizo (2020: 86),

a educação transmitida livremente através da oralidade de geração em geração garantia que a criança fosse adquirindo esse conhecimento com o convívio em sociedade, em contato direto com a natureza e seus elementos que eram fatores essenciais para a formação delas. Com esse tipo de educação, a criança era induzida a perceber tudo que a cercava, aperfeiçoando gradativamente suas habilidades e seus instintos de sobrevivência. Mesmo não havendo nada escrito que registrasse a organização e os meios de aquisição do conhecimento, a criança indígena se tornava um grande aprendiz de sua cultura e da vida de seu povo.

Além da oralidade, é preciso manter no núcleo familiar a memorização dos saberes que passam de uma geração para outra desde muito tempo. Esse esforço e fidelidade são as únicas formas de dar continuidade na transmissão de conhecimentos que identificam os saberes de um povo, considerando que os mais velhos, também conhecidos por “troncos velhos”, não sabem ler e nem escrever.

Os saberes dos povos originários são tão importantes quanto a própria vida, pois lhe dão ênfase a partir de princípios básicos da existência humana. Para os povos originários, os saberes carregam muita resistência e formas de sobreviver. Ao observar os sons dos pássaros, podem se antecipar acontecimentos que potencialmente colocam em risco a vida de alguém da comunidade.

Esse tipo de relação pode ser percebido na seguinte narrativa, contada ao redor do fogo no inverno de 2020. Adroaldo Fidelis conversava com seu pai, pedindo para que contasse histórias sobre o tempo em que viviam às margens do Rio Iguaçu em Mangueirinha-PR. Sebastião então contou:

Estava eu na frente de casa, tomando meu chimarrão de final de tarde, tinha recém-chegado do plantio de feijão mourinho em 2 *salamín* de queimada, tinha aproveitado que a lua está própria para o plantio, pois é lua crescente, daqui a pouco chega a nova, ai caruncha o feijão se plantar. Quando, de repente, ouvi lá na coxia, um canto de pássaro, mais parecido com choro, logo percebi que era o gaviãozinho (*jógóg si*). Me parpito que as coisas não iam ficar nada bem, pois quando o

*jógóg* chora, a notícia é de morte de um parente bem próximo. A noite chegou logo, a lua saiu, mas não clareou a noite, mesmo assim eu continuei ali, pensando quem seria a notícia ruim. Fui me deitar, na cama continuei pensando, eu não era, afinal não tem como você mesmo prevê a morte. Logo de manhã, levantei, aproveitei que ainda tinha brazido, então fiz o fogo, desço logo pra baixo de casa na sanga, lavei o rosto, aproveitei e trouxe um bujãozinho de água, pra esquentar e tomar chimarrão ao redor do fogo. Ouço um tropé, vindo em direção da casa, saí na porta, logo ouço o grito lá de longe: “Compadre bastião, compadre bastião!” Era o meu irmão, tinha vindo avisar que a mãe tinha morrido, amanheceu morta, tinha uma idade bem avançada já, bastante saúde, mas não o suficiente pra aguentar tantos anos de vida. Adorreceu e num sono profundo, não acordou mais. Nessa época a gente encarava essas notícias até com tranquilidade, pois se tratava de alguém com bastante idade, minha mãe, é claro. Ela sempre disse: “Quando eu morrer, só quero fechá os olhos e sem dor nenhuma, vou partir, e não quero que chore atrás de mim, vocês já têm cada um a fãmia de vocês, precisam cuidar deles, eu já vivi o suficiente, ensinei tudo o que podia, agora é com vocês.” (Depoimento de Sebastião Fidelis, 30 de junho de 2020).

Relatos como esse são comuns nas comunidades indígenas. Na fala de Sebastião são mencionadas as medidas de terras da memória tradicional (*salamin*), o respeito aos ciclos lunares, aos sons da natureza e a tudo que pertence ao território, e principalmente a compreensão da vida pós-morte e como todos os seres devem ser sentidos e respeitados.

Embora o povo Kaingang tenha incorporado muitos elementos das sociedades não indígenas, a contação de histórias pelos *kofá* continua latente, sendo fundamental para a continuidade e transmissão de conhecimentos. A oralidade é memória, é vida, e cada vez que os velhos “tombam” (morrem) levam consigo os saberes ancestrais, por isso, a importância de ouvirmos e registrarmos os saberes dos *kofá*, seja através da escrita ou da memória, passada de geração para geração.

Neste sentido, o texto que segue busca evidenciar como as práticas de cura relacionadas ao uso das ervas e aos animais, foram e são fundamentais para cuidar e proteger o corpo e o espírito do povo Kaingang.

## **As ervas e os animais para cura: preparo do corpo e do espírito**

Para iniciar esta parte da escrita, é importante mencionar que a utilização de animais e ervas para a prática da cura já não é mais como cinquenta anos atrás, por exemplo. E tudo isso está relacionado ao fato de que boa parte dos territórios indígenas foram devastados durante o processo de colonização em decorrência das atividades extrativistas implantadas a partir do órgão responsável por executar as políticas indigenistas, fosse o SPI ou a Funai. O avanço sobre os territórios indígenas não teve como resultado apenas a derrubada das florestas, mas também o afastamento dos animais silvestres.

No caso da comunidade indígena Kaingang localizada no Toldo Chimbangue, Chapecó/SC, não foi diferente, inúmeras espécies nativas não foram mais vistas durante muito tempo. As poucas faixas de mata que restaram não eram suficientes para que os animais pudessem se reproduzir. Com a retomada do território, as matas voltaram a crescer. Animais que não eram mais vistos voltaram a apare-

cer nas proximidades da comunidade, fato este que pode fortalecer novamente as práticas tradicionais de cura.

A natureza é sagrada para os povos originários, e cabe destacar que todo ser vivo é regido pelo movimento da natureza. Na cultura Kaingang, por exemplo, a natureza é regida por duas metades clânicas<sup>3</sup> e elas são determinantes para a organização da comunidade e dos rituais. Conforme escrita de Battestin, Fidelis e Narsizo (2022: 11):

A árvore pinheiro, por exemplo, é marca comprida, pois é uma árvore alta, logo então carrega a marca de Kamé, esta planta servirá somente para extrair pigmentos na cor preta e realizar pinturas corporais para os Kamés, sendo a cor desta marca preta. Enquanto a árvore sete sangria é Kanhrú, formato arredondado e servirá somente para o seu grupo clânico utilizar a pigmentação vermelha extraída, logo então, a cor desta metade clânica é vermelha. Assim foram definidas as cores das duas metades clânicas. Em relação aos animais, por exemplo, o tatu, macaco, serelepe, são Kanhrú, a cobra e lagarto são Kamé, por serem compridos. Por muito tempo a caça era consumida conforme suas metades clânicas, agora, com a escassez, tem sido abandonado esse critério.

Para compreender melhor a importância das ervas para os Kaingang, Dona Rosa Kaingang relata sobre a cura com ervas:

Meu nome é Rosa de Paula, nasci na Serrinha, lá no Rio Grande do Sul. Sou de uma família de 4 irmãos, vivi de muito pequena, aprendendo com mamãe sobre a cura das ervas, principalmente pra a muié que ia tê nenê, tinha que lavar ela desde o primeiro mês de grávidas com um remédio do mato, que ia ajudar ela na hora de ganhar nenê, ela não sofre daí, o nenê sai rápido, sem dor na mãe. Também me ensinaram a cortar o imbigó da criança. Passava remédio do mato, não demora muito para cicatrizar. Pra mãe não ter recaída, lavava a cabeça dela com um remédio do tio Sabino, aí ela não ia sofrer. (Depoimento de Rosa de Paula, 20 de maio de 2021)

Essa transcendência de saberes que os velhos têm faz parte dos conhecimentos que ao longo dos anos foram transmitidos de geração em geração. Heranças culturais herdadas de seus pais, que herdaram de seus avós e assim consecutivamente foram sendo transmitidas até as gerações que emergem.

A cura pelas ervas faz parte do conhecimento que, no seio da comunidade do Toldo Chimbanguê, ainda permanece vivo. O conhecimento que não é manuseado pelos *kujás*<sup>4</sup> na sua relação com os “remédios do mato”, é praticado por grupos de mulheres que, em conjunto, têm trabalhado para conscientização em relação ao uso dos remédios em espaços da unidade de saúde, fazendo a coleta e preparo das ervas com eficácia fitoterápica.

De acordo com Fernandes e Piovesana (2015: 126), existe toda uma relação das ervas com o mato:

---

3 A tradição kaingang é formada a partir dos princípios dualistas das metades clânicas Kamé e Kanhrú. Estes irmãos mitológicos estão na origem de todos os seres, são fundamentais para os casamentos, para os rituais e para a própria identidade tradicional kaingang. Como outras sociedades do tronco Jê, os kaingang são tradicionalmente dualistas.

4 *Kujá* ou *kuiá* é o xamã kaingang, às vezes também chamado de pajé ou curador.

A condição fundamental para que as plantas sejam consideradas ‘remédio do mato’ é estar no mato, assim os ‘remédios do mato’ não podem ser cultivados, devem ser coletados no mato... Estar no mato é condição para que a planta mantenha sua força, e o remédio produzido, sua eficácia.

As ervas medicinais (fonte de cura), encontradas junto às matas são responsáveis por rejuvenescer a saúde do povo originário. Algumas das mais procuradas são cipó mil-homens (*mrür ger*), pariparoba (*krygmê*), casca de jabuticaba (*Mê/mã fár*), ortiga (*vēm'mregfê*), caule de bananeira (*manýny Pãn*), folha de pitanga (*Jimi Féj*), amora *kupri*, marcerá, etc. Além disso, algumas sementes são utilizadas para confecção de artesanatos, adornos e vestes típicas para rituais e apresentações culturais.

Além das plantas, raízes e folhas retiradas da natureza, alguns animais e aves também são utilizados como remédios, sendo possível observá-los em muitos momentos de rezas, curas e rituais. Historicamente, há entre os povos originários a caça de animais da natureza, sempre respeitando o ciclo de vida e procriação de cada um, que vai de acordo com a necessidade de consumo daquele povo. Ou seja, não se pode consumir constantemente sem que haja de fato a necessidade. Não está na cultura Kaingang a caça descontrolada de animais silvestres, todos os seres devem ser respeitados, mantendo assim, o uso sustentável.

No preparo da criança para a fase da adolescência, juventude, até chegar à fase adulta, passa por diferentes rituais e somente os pertencentes ao povo Kaingang conseguem identificar esses sinais. Algumas “crenças de cura” mais conhecidas na cultura Kaingang referentes aos animais estão inter-relacionadas com os saberes provenientes dos *kofá*, citadas e lembradas por muitas gerações como parte do esforço de manter a cultura viva a partir do cultivo das crenças ancestrais dos antepassados. Sobre a “cura” dos pequeninos, estão as mais variadas formas de tratar as crianças (*Kanhgág si*), usando o que de mais sagrado existe nos seres da natureza.

Uma dessas curas se baseia no uso das munhecas do tamanduá. Quando morto o tamanduá, os velhos queimam suas mãos e com o carvão fazem massagens nos pulsos das crianças. Isso porque ao longo de sua trajetória de vida, ao agarrar algo com as mãos, vão estar bem fortes ao ponto de não largarem nada tão facilmente.

Infelizmente, percebe-se que, nos dias atuais, grande parte das famílias estão perdendo essas crenças, além de também ter se tornado inapropriado seu uso pela extinção da espécie no século XXI. Porém, cabe às famílias Kaingang não deixarem cair no esquecimento o que mais lhes identifica como povo: sua sabedoria.

Outro exemplo importante é a cura com os olhos do serelepe (*jotiti*). Contam os mais velhos que quando a criança Kaingang era pequena, no máximo até cinco anos, buscava-se realizar um ritual que é muito importante para o cuidado do corpo. O *jotiti* vive na mata e para capturá-lo é bem difícil, mas quando apanhado, o ancião tira os olhos do animalzinho e a pele. O ritual de cura começa com o consumo dos olhos ainda crus, pois compreende-se que, depois de engolir um olho de *jotiti*, os olhos da criança passam a desenvolver habilidades de visão com maior precisão, já que na mata há muitos perigos, sendo preciso estar com os olhos bem abertos e atentos. A carne do *jotiti* é preparada para as

crianças comerem e a pele é usada para fazer *bocó* (espécie de sacolinha para as crianças que coletam sementes).

Já o cipó mil-homens (*Mrūr ger*), é usado para várias curas. Primeiro deve fervê-lo em uma panela até sair na água a essência. Quando estiver morno, deve-se tomar um copo cheio para nunca sentir cólicas menstruais e dores abdominais causadas por “câimbras de sangue”. As crianças são as principais figuras que devem beber desse remédio, pois são muito ativas, sobem nas árvores, brincam nos campos e precisam estar protegidas desses tipos de dores.

Essas “crenças de cura”, conforme dito pelos próprios Kaingang, servem para preparar as crianças para o mundo em que vivem. O povo originário na contemporaneidade, mesmo sofrendo inúmeras transformações em sua cultura, busca no dia a dia manter seus valores, reafirmando sua identidade e fortalecendo os saberes tradicionais.

Para uma melhor compreensão dessa cosmologia de cura, é preciso passar por um ritual de cura do corpo e espírito. Ao preparar um remédio do mato, se faz uma mistura em um recipiente macerando as folhas colhidas na mata, adicionando água ao mesmo tempo em que se faz o pedido aos criadores da natureza, agradecendo e pedindo a benção para aquele remédio. O *kujá* pergunta o seu *jiji*, isto é, o nome kaingang, o nome do mato, que sempre é pertencente a uma ou outra metade clânica. Caso não tenha um, o *kujá* olha e nomeia de acordo com as características físicas. A partir daí, vai lhe chamar somente pelo *jiji*, que será seu guia espiritual de proteção. Então, lava primeiro a sua cabeça, desce pelo pescoço, até chegar nas costas e peito, tudo isso seguido de um canto espiritual entoado na língua Kaingang pelo *kujá* e sua companheira.

Fortalecer a identidade é fundamental para que os povos originários sejam reconhecidos como povos que precisam ser respeitados, tanto no seio da comunidade originária quanto nos espaços de mediação de conhecimento, pois os mesmos devem ter como principal fonte primária de ensino os símbolos que nos identificam. Por esse motivo, o cuidado do corpo e espírito, das plantas e animais, precisam ser salvaguardados e protegidos como parte de uma cultura material e imaterial.

## **Os saberes kaingang para o período de gestação e pós-parto**

Uma das principais “curas para a alma” é quando a mãe indígena, no período de gestação, passa por um processo que podemos chamar de “descuido emocional”, ou seja, quando a gestante se sente sozinha e desamparada. Nesse período, ela precisa de cuidados da família (pai, mãe, irmãos, esposo, avós) ou da própria comunidade indígena, visto que, logo ao nascer o bebê, existe o risco de a mãe indígena sofrer uma “recaída pós-parto”. Podemos usar aqui também o nome cientificamente validado como depressão, sendo, nesse caso, a depressão pós-parto.

Os cuidados com a mãe no período de gravidez, para o povo Kaingang, devem acontecer desde o primeiro mês de gestação, sendo rigoroso ainda mais após o nascimento do bebê, se estendendo até os seis primeiros meses de vida. Nesse período, a mulher não deve ingerir qualquer tipo de erva, a não ser sob a orientação de um sábio (um *kofá* ou mesmo um *kuiá*), pois para cada tipo de chá existe um impacto e uma função curativa. Os chás nesses períodos servem para que, ao nascer do filho, a mãe não

tenha dores de cabeça e o bebê não tenha cólicas, dores de ouvido, diarreias etc. Além disso, quando o umbigo cair, ajudará o bebê a ter uma boa cicatrização sem complicações.

A mulher Kaingang, ao ter seu bebê, tem que tomar um chá especial, preparado pelo *kuiá*, pois a placenta – conhecida pelos Kaingang como “mãe do corpo”, por ser o primeiro território – se solta do ventre da mãe no momento do parto. Esse rompimento de uma parte do corpo da mãe pode fazer com que o espírito do corpo, ou seja, o espírito da mãe, saia junto. Nesse caso, o espírito fica “perdido”, precisando ser resgatado, mas somente um *kuiá* pode ou tem a capacidade de fazer esse chamado.

Sobre esses ensinamentos, em conversa com Jaciele Nyg Kuita Fideles, moradora da Terra Indígena Apucarantina, município do norte do estado do Paraná, relata o seguinte:

Me chamo Nyg, pertencente ao povo Kaingang, do norte do Estado do Paraná, sou mãe, mulher. Desde quando soube que estava grávida, culturalmente optei pelos cuidados dentro da nossa medicina tradicional, ou seja, preparada para o parto com o uso dos remédios do mato. Hoje ela é a minha terceira gestação, mas é a minha primeira filha, vamos dizer assim né. Quando eu soube que estava grávida já foi diagnosticado por conta do meu histórico de aborto que a minha gestação era uma gestação de risco e aí como eu tava estudando, decidi que viria para aldeia para fazer todo acompanhamento e tanto do pré-natal, tanto acompanhamento não indígena pela SESAI<sup>5</sup> né e aí depois junto com a nossa medicina tradicional. E aí como a minha mãe é parceira eu vim para cá para ter todos os cuidados a tomar o chá os remédios *Venkata* (remédios do mato) remédios específicos para a gestante, tanto para tomar, quanto para banho. Vim para fortalecer mesmo esse espírito da minha criança né, porque eu já tinha perdido dois e aí essa terceira gestação eu fiz o trabalho de fortalecer o espírito dela para [que] ela quisesse vir aqui comigo e conhecer esse mundo aqui que a gente vive. Então vim para casa e fiquei aqui fazendo pré-natal dos não indígenas. Como a gestação era de risco eu tive todo acompanhamento dos médicos e [dos] dois enfermeiros aqui da aldeia até o final da gestação. Com isso fui casando com a medicina nossa e me cuidando. E aí eu tomava as vitaminas dos *fóg*<sup>6</sup> e junto tomava as nossas da cultura, aquele ácido fólico para fortalecer os ossos eu tomava o nosso natural também todo dia eu tomando banho e chá e conversando com a criança. Conversando com a criança porque aí a gente já vai preparando a criança dentro da gente né porque essa que é a questão de ser mãe Kaingang né que a gente tá criando né esse ser que é um ser que já vem de um outro mundo né porque na nossa concepção né, na nossa crença enquanto Kaingang, as crianças, eles são como se fosse o elo entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos, é que é o *Numbé*, lugar intermediário entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos, a gente tem que cuidar deles para que eles queiram vir com a gente quando eles nascem, que vão ficar aqui com a gente. Isso fortalece o vínculo com o território, pois além de a placenta ser o primeiro território com conexão de onde a mãe vive, fortalece a relação umbilical e ancestral com o território. Nesse processo todo foi quando eu tive a primeira violência, que chamo de violência obstétrica, onde me foi negado trazer para casa a placenta e fazer esse ritual que é do enterro da placenta. O preparo do espaço e coleta de remédios para que ali acontecesse o ritual do enterro da placenta foi tudo em vão. No hospital teve até um acordo inicial, mas quando chegou na direção do hospital foi negado, isso porque era tecido humano e não poderia sair do hospital, pois tinha que ser incinerado. Aquilo me deu uma tristeza tão grande, dor, violência sem explicação, uma

5 Secretaria Especial de Saúde Indígena – órgão do Ministério da Saúde dedicado exclusivamente à saúde indígena.

6 *Fóg* é o termo na língua kaingang para não indígena, muitas vezes também tratados como *brancos*.



violação dos direitos originários em manter suas crenças e tradições, onde poderia ser fortalecida a relação da minha filha com o território ancestral dela, além da relação com a mãe do corpo, seria a mãe terra. (Depoimento de Nyg Kuita Fideles, 13 de julho de 2021).

A narrativa que Nyg faz sobre os cuidados com a gestação da mãe indígena traz questões que ainda são discutidas no âmbito de conselhos de saúde a nível municipal, estadual e nacional, na busca pela criação e implementação de políticas públicas de fomento para que essas práticas tradicionais da ancestralidade Kaingang sejam fortalecidas e respeitadas.

Nesta mesma perspectiva, a Kaingang Dona Paulina Antunes, em uma roda de conversa, lembra de “simpatias” que precisam ser feitas logo ao nascer da criança:

Vai na mata, coleta algumas ervas específicas para recolocar a “mãe do corpo” de volta no lugar. Pega uma palha, estende em cima da cinza, coloca as ervas na palha, estende os pés, sente o queimar das ervas e da palha embaixo dos pés. Sente-se novamente a vida dentro da gente, inclusive os nossos sentimentos. Aprendi desde muito cedo com a Fen'nó<sup>7</sup> que quando a criança nasce, a mãe precisa ser muito cuidada, pois lá adiante vai sentir algumas mudanças no corpo, caso não se cuide direito. Não pode tomar réstia de sol, sair na chuva, não pode lavar a cabeça por duas luas, não pode cruzar o rio com o bebê, somente depois de muito cuidado leva a criança para fora da casa. (Depoimento de Paulina Antunes, 21 de maio de 2021).

Esses relatos se contextualizam, situando os fatos no tempo e espaço, de forma que alimentam o sentimento de pertencimento às crenças do povo Kaingang, indo além da compreensão do não indígena, pois certas cosmovisões só podem ser acessadas pela cultura e pela língua originária.

Em uma conversa com Lolica Fidelis, ela fala de como tem mudado o cuidado com a mulher no período de gestação até o parto e o pós-parto. Ela diz que quando a mulher está grávida, desde o primeiro mês de gestação, deve iniciar o preparo para o parto. Os cuidados devem ser ainda mais rigorosos no pós-parto. Lolica, mãe de Adroaldo, explica pausadamente que

Não pode ter nem “frestas” onde a mãe está acamada, tem que ser escuro, não deve sair de casa antes do nascer do sol, pois pega ar da manhã, vai ter muita dor de cabeça, a menstruação pós-parto vira água, sem falar que o sangue que é para sair, fica dentro. Antes de parar o sangramento da mãe, não sair de casa. O cuidado com a mãe e a criança, precisa acontecer, pois ali é que começa a saúde do filho e a saúde no amanhã da mãe. O sangramento vai de 30 há 40 dias, variando de bebê menino ou menina, nesse período a mãe precisa de muitos cuidados, pois o sangue deve escoar até não ter mais nada, assim, fica livre de doença causada pelo sangue ali parado. A roupa a qual a mulher está vestida é lavada em água corrente, o próprio marido é quem faz isso, em água corrente para facilitar o escoamento rápido do sangue que ainda está dentro da mulher. Depois disso, seu útero já estará limpo, podendo sair, passear, tomar chimarrão, se alimentar de comidas típicas do povo sem se preocupar. Nos alimentos, também deve tomar cuidado, pois é o momento em que todo o cuidado é pouco. Alimentos de cor branca não pode comer, batata doce, carne de porco, qualquer tipo de alimentos de cor branca não pode comer. E toda a comida consumida tem que ser apenas alimentos leves para digerir com facilidade. (Depoimento de Lolica Fidelis, 7 de maio de 2021)

<sup>7</sup> Fen'nó é o nome da mais velha indígena kaingang moradora do Toldo Chimbanguê. Ela morreu em 2014, com 119 anos.

Esse e outros saberes dos povos originários em alguns núcleos familiares Kaingang ainda permanecem latentes. O uso do conhecimento tradicional tem suprimido necessidades de intervenções médicas, inclusive para tratar doenças para as quais a ciência ainda não tem respostas de alta eficácia. Como exemplo, a doença de depressão pós-parto, chamada pelos povos originários de “recaída” ou “tristeza profunda”, é tratada com ervas curativas, ainda no período de gestação até o primeiro mês depois do bebê recém-nascido.

## Saberes sobre o umbigo e seu significado

Sobre o significado do umbigo da criança, precisamos lembrar que ele cai com variações de tempo, uns com 6, 10, 15 dias e até mesmo com 17 dias depois do nascimento. Nesse momento, enterrar o umbigo é responsabilidade do pai, do avô ou da avó. Isso porque a mãe ainda estará de resguardo.

Enterrar o umbigo, para os mais velhos, significa demarcar aquele território, reafirmar o espaço territorial como sendo Kaingang, dizer que ali é onde nasceu e ali é o lugar onde vai morrer. A partir do enterro do umbigo nesse espaço, este se torna parte daquele território onde passarão seus últimos dias de vida. Muitos velhos identificam esse momento como traçar os caminhos que levarão essa criança Kaingang a um bom viver no decorrer de sua vida.

É comum o enterro do umbigo aos pés de uma árvore, podendo ser no pé de um cedro, ipê, pinheiro, até mesmo aos pés do cepo da casa, simbolizando ali a raiz de sua existência. Quando a criança já estiver grande, a mãe tem como obrigação cultural contar onde está enterrado o umbigo do filho para que ele se identifique com aquele lugar. O povo Kaingang tem como espiritualidade voltar ao seu lugar de nascimento, onde o seu umbigo está enterrado, e é na velhice que a maioria dos anciãos deseja voltar para o mesmo lugar para morrer e ser enterrado.

Um testemunho importante foi dado por João Luiz da Silva, ancião Kaingang de 88 anos, residente na aldeia Kondá, mas que segue na luta pela retomada do território de seus ancestrais. Nas palavras de João Luiz da Silva, conta o seguinte:

Eu lembro que tinha uns oito a nove anos de idade, quando fomos removidos ali do toldo da serrinha, já restavam poucas famílias por ali, meio espalhado nos pequeno “capão” de mata onde nós morava. Vivíamos bem, meu pai um pouco trabalhava para uns colono por ali, mas também mantinha nossa cultura, comendo nossas comidas típicas, usando remédios do mato, fazia balaio e vendia para os próprios colono, lembro até onde o local onde nasci ali naquele lugar que hoje é Bormann<sup>8</sup>, até que um dia veio uns *fóg* e disseram para nossa família sair dali, pois tinham comprado e era deles agora. Não sei por que fizeram isso, pois meu pai não tinha vendido para ninguém, mas eles disseram que era deles. Hoje ainda tenho vontade de voltar a morar naquele mesmo lugar. (Depoimento de João Luiz da Silva, 22 de junho de 2021).

A partir de relatos e documentos, é possível afirmar que os povos originários foram, sim, vítimas de uma política de remoção compulsória de seus territórios, realizada pelo próprio Estado ou por terceiros, que adquiriram terras por compras ilegais legitimadas pelo Estado.

8 Atualmente a localidade Bormann é um distrito do município de Chapecó/SC.

O local onde está enterrado o umbigo para os Kaingang foi e ainda é único, por isso reivindicá-lo é um direito imemorial. Os sobreviventes da colonização forçada no Sul do Brasil na década de 40 claramente têm na memória o local de nascimento e onde está enterrado seu umbigo. Por isso, na década de 70, quando iniciaram as retomadas, o povo Kaingang usou esses locais como forte argumento demarcatório para reivindicar seus territórios.

## O batismo kaingang do recém-nascido

A iniciação da vida da criança, em corpo e alma no mundo dos humanos, passa por vários rituais. Logo ao nascer, a criança precisa passar por um processo de “preparo para a vida”, ritual indispensável para que a criança possa estar mais segura em corpo e espírito. Primeiro ela recebe o nome na língua Kaingang, o *jiji*, em seguida, recebe os primeiros cuidados com umbigo, com os ouvidos, olhos e a boca. A criança fica dentro de casa por, no mínimo, sete dias, passando por rituais de proteção e cura. Só após isso sai para receber os raios do sol, sendo batizada na água corrente e apresentada aos adultos da comunidade. Assim, aos poucos, vai crescendo e recebendo os outros tipos de “cura” do corpo.

Esses momentos são importantíssimos para que a criança cresça sentindo-se parte daquele meio social. Esses preparos do corpo e espírito são sentimentos transcendentais nas diversas fases da vida Kaingang. Por isso, o primeiro batismo da criança precisa ser antes do sétimo raiar do sol. Nesse momento o batismo acontece dentro do próprio quarto onde a mãe estará ainda em repouso. Lembrando que no primeiro batismo é dado o nome na língua Kaingang, tendo um significado cultural e espiritual que identifica o ser Kaingang, sendo seus pais ou avós ou o ancião os responsáveis por nomear a criança recém-nascida.

Os anciãos sempre enfatizam que para dar o nome a uma criança Kaingang é preciso identificar o formato do corpo, do rosto, do comportamento. Cada criança tem o privilégio de ser nomeada conforme o que o ancião vê em seu semblante. O nome na língua Kaingang é uma espécie de guia espiritual e de proteção. Se a criança passar por algum perigo na mata, por exemplo, deverá ser chamada pelo nome Kaingang para ter proteção.

Os rios são considerados fonte de vida para o povo Kaingang e antes das crianças entrarem nas águas é preciso ter muito cuidado ao cruzar o rio. São momentos delicados para as crianças, pois são frágeis de corpo e espírito. A proteção vem principalmente dos pais ou uma pessoa considerada velha. Em conversa com Lolica Fidelis, no verão de 2019, Adroaldo Fidelis teve a oportunidade de ouvir saberes importantes para compreensão e entendimento dessa cosmovisão Kaingang

Quando você for cruzar o rio com seu filho, não pense que está sozinho, sempre vai ter nesse lugar um espírito do mau que pode segurar lá a alma das crianças. Por isso, você precisa ter o costume de “chamar o espírito” da criança. Pelo motivo de seu espírito ser fraquinho, o *nén korég*, pode pegar o espírito dela e levar, a criança fica doente, não come direito, vai ficando cada vez mais fraquinha e pode até morrer. Se isso acontece da criança fica doente e você imaginar que a causa foi isso, precisa

voltar lá naquele mesmo rio e chamar ela, ou pede para uma pessoa bem “velha” fazer isso, precisa buscar o espírito da criança de volta. (Depoimento de Lolica Fidelis, 10 de dezembro de 2019).

A maioria das comunidades indígenas possuem um líder espiritual, por isso, quando acontece essas situações, ele é chamado. Conforme Veiga (2000: 134):

Ele conhece as plantas que servem como remédio e possui poderes para resgatar as almas que se perdem de seus corpos. Ele é o mediador entre os diversos espaços dos cosmos, e é essencialmente destacado dos demais, por ter a capacidade de ver o que acontece em vários domínios e enxergar todos os seres na sua essência.

Sendo assim, o batismo para as crianças, para o recém-nascido, sempre terá a presença de um líder espiritual, independente do lugar. Este líder convocará um guia espiritual (*jēngre*), que acompanhará a criança por toda sua existência. Por isso a importância que se dá ter o batismo logo que a criança nasce, para que ela esteja protegida contra todos os males do mundo.

## O batismo na semana cultural dos povos originários

Nas últimas décadas, o batismo Kaingang acontece todos os anos na semana cultural dos povos originários nas diferentes comunidades Kaingang do Oeste Catarinense. O ritual tem um objetivo em comum: educar a consciência Kaingang na compreensão das suas cosmologias e pertencimento ao grupo cultural. As crianças e jovens necessitam ser encaminhadas para todas as dimensões das cosmologias, pois são elas que identificam a sua cultura. Também terão a possibilidade de tornar o conhecimento próprio do povo originário fundamental para sua existência.

O ritual do batismo se destaca na cosmologia dos Kaingang como sendo o que mais se aproxima do *tón* (dono) da Natureza, de todos os seres vivos que habitam a terra. Esse princípio ancestral, presente dentro de cada um, tem muito a dizer sobre a formação cosmológica para que seja despertada uma vida de amor ao outro, sendo assim multiplicada no núcleo familiar, na escola, na comunidade e no âmbito social.

É impossível chegar à autêntica compreensão da vida quando se ignora a própria existência cultural. Por isso, a mobilização dessa cosmologia deve ser progressiva, uma vez que a pessoa nem sempre terá capacidade de se relacionar totalmente com sua ancestralidade, pois vai depender da idade para o aprofundamento dessa compreensão dos rituais e da religiosidade, neste caso, o batismo.

O Kaingang Armino Pinto, sábio da comunidade, relatou sobre a importância do batismo durante o levante pela terra no Toldo Chimbanguê:

O batismo é um instrumento de amor e verdade na cosmologia Kaingang. O ritual é um instrumento de comunicação que mantém aberto o caminho que leva o homem a um encontro com *Ga tón*<sup>9</sup>. Para entender esses ensinamentos é preciso ir até o *kujá* do povo originário, pois somente um deles pode

9 *Gá ton* significa, literalmente, dono da terra. Em outros contextos indígenas, este tipo de conceito pode ser compreendido como “mãe terra”.

levar em consideração as exigências da realidade que hoje vivemos, pois não podemos separar a cosmologia de vida com a realidade. (Depoimento de Armino Pinto, 23 de junho de 2021).

Desde muito tempo os povos originários cultuam o batismo como preparo do corpo e do espírito para a vida. Atualmente também é realizado o batismo durante a semana cultural que acontece durante o mês de abril no Toldo Chimbanguê. O batismo de casa, realizado quando a criança é pequena, tem uma força importante, pois é neste momento que é escolhido o nome Kaingang pelo rezador. O nome sempre é relacionado com algum elemento da natureza, e este representa muita força e proteção. É difícil encontrar um Kaingang que não tenha sido batizado quando criança, pois ali também são escolhidos os padrinhos que acompanham a vida da criança.

Para o ritual do batismo são utilizados vários tipos de ervas retiradas da natureza. As plantas são manuseadas em diversos momentos, seja no batismo que ocorre no nascimento ou no batismo que ocorre na semana cultural (com adultos e crianças). As plantas são extremamente importantes e úteis no poder de cura e preparo para o batizado, pois é ali que se criam vínculos com o sagrado e com a natureza para compreensão sobre sua existência.

Os saberes Kaingang cultivados no cotidiano das comunidades indígenas têm fortalecido suas identidades. É notório que esses saberes são de extrema importância para o fortalecimento da cultura Kaingang, e essas identificações representam culturas próprias, pois muitos desses conhecimentos são obtidos através das vivências no cotidiano, com as relações com a natureza e comunidade.

Por fim, são os saberes repassados de geração em geração que guiam a vida do povo Kaingang, fortalecem a identidade e mantêm o equilíbrio entre o mundo físico e espiritual. Estes conhecimentos têm origem nas experiências vividas pelos antepassados, ensinados e repassados também pelos seres da natureza.

## **Considerações finais**

Educar a partir dos saberes dos povos originários é uma forma de consolidar um processo educativo que contribui para formar multiplicadores desses saberes para as próximas gerações. Cabe lembrar que os saberes originários não são encontrados ou publicados facilmente, pois é somente a partir da oralidade que são transmitidos entre os povos. Além de estarem inter-relacionados com suas cosmologias, também deve haver o respeito ao identificar e mapear esses saberes, visto que é ali que vive a memória do povo. A presença de um Kaingang enquanto autor nesta escrita possibilitou o acesso a muitos saberes que ganharam centralidade neste texto.

Ao longo dos séculos, os povos originários foram submetidos às mais variadas formas de dominação, que vão desde a política de aculturação e assimilação, apropriação cultural, proibição do uso da língua materna, se estendendo até o roubo de suas terras. Essas e tantas outras submissões foram cruciais, tanto que os velhos se negam a fornecer qualquer tipo de informações da sua cultura se não tiver uma relação de confiança e merecimento. Se hoje não é fácil coletar informações do povo originário, principalmente dos mais velhos, é porque ainda estão latentes as violações culturais que sofreram no

passado. Conforme afirma Prola (2017: 225), “se a própria presença dos Kaingang já provoca desconforto em parte da população não indígena o desejo de ‘expulsar o selvagem’ é ainda maior”.

Essas violações de direito individual e coletivo dos povos originários se arrastam há gerações por conta de um modelo de sociedade que nega seu direito à diferença e à autodeterminação. Por décadas, muitos indígenas se negaram a admitir que eram pertencentes a um grupo originário, ocultando principalmente os saberes de sua cultura. É nesta motivação que escritas como a do presente artigo devem ecoar, a fim de reafirmar a importância da cosmologia, dos saberes e ancestralidades que habitam cada cultura, neste caso, do povo Kaingang.

*Adroaldo Antonio Fidelis é Mestre em Educação pela Universidade Comunitária da região de Chapecó- Unochapecó e Coordenador regional interior Sul - SC da Fundação Nacional dos Povos Indígenas – FUNAI, em 2023.*

*Cláudia Battestin é pós-doutora em Antropologia pela Universidade de Buenos Aires (UBA) e professora do Mestrado em Educação da Universidade Comunitária da região de Chapecó – Unochapecó.*

#### **FINANCIAMENTO:**

*Bolsa Social - Unochapecó*

#### **AGRADECIMENTOS**

*Agradecemos a todo povo Kaingang por ser e estar sendo existência. A Universidade Comunitária da Região de Chapecó – Unochapecó por viabilizar o auxílio financeiro para a realização da pesquisa. Aos revisores(as) deste artigo, por contribuírem no aperfeiçoamento da escrita com tanta propriedade e sabedoria.*

## REFERÊNCIAS

- Battestin, C., Fidelis, A. A., & Narsizo, G. (2022). A semana cultural indígena enquanto espaço de conhecimento, fortalecimento e resistência da cultura Kaingang. *Eccos -Revista Científica*, São Paulo, n. 60, p.1-13, jan./mar. DOI: <https://doi.org/10.5585/eccos.n60.21727>
- Dussel, E. (1993). *1492: O encobrimento do outro. A origem do mito da modernidade: conferências de Frankfurt*. Tradução de Jaime A. Clasen. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Fernandes, R. C., & Piovezana, L. (2015). Perspectivas Kaingang sobre o direito territorial e ambiental no sul do Brasil. *Ambiente & Sociedade*, n° 2 São Paulo, v. XVIII. 2. p. 115-132. abr.-jun. DOI: <https://doi.org/10.1590/1809-4422ASOCEX07V1822015en>
- Fidelis, A. A., & Okawati, J. A. A. (2021). A Práxis da Educação Escolar Kaingang. In R. M. Fleuri, & J. A. A. Okawati (orgs). *Pedagogias e Narrativas Decoloniais*. Curitiba. CRV.
- Narsizo, G. (2020). *A cosmologia na educação e na vida do povo Kaingang da terra indígena Xaçepó* (Dissertação de Mestrado). Universidade Comunitária da Região de Chapecó, Chapecó.
- Prola, J. C. H. (2017). *Antropologia, história e filosofia política: um olhar sobre os direitos do povo Kaingang do Oeste de Santa Catarina* (Dissertação de Mestrado). Escola Superior do Ministério Público da União, Brasília.
- Veiga, J. (2000). *Cosmologia e práticas rituais Kaingang* (Tese de Doutorado). Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

## SABERES KAINGANG ENQUANTO RESISTÊNCIA E FORTALECIMENTO DA CULTURA INDÍGENA

**Resumo:** O artigo é resultante de uma pesquisa de cunho bibliográfico, auto etnográfico e etnográfico, basilares para explicar o sentido e saberes do povo Kaingang. Escrita por um Kaingang que vive a cultura com seu povo e por uma indigenista que partilha das lutas e estudos, o texto perpassa pelo campo da antropologia com saberes que foram estímulos para dar cada vez mais vida às identificações desse povo originário. Dado todo processo histórico de dominação, há muito tempo os “saberes tradicionais” oriundos do conhecimento milenar dos povos originários, ao mesmo tempo que foram invisibilizados, passaram por uma série de apropriações indevidas. O que se pretende apresentar aqui é o sentido de ser Kaingang, que vai muito além do que muitos imaginam ser. É nesta motivação que acreditamos na possibilidade de reafirmar a importância da cosmologia, dos saberes e ancestralidades que habitam cada cultura, neste caso, do povo Kaingang.

**Palavras-Chave:** Saberes Kaingang, Cultura indígena, Cosmologia, Autoetnografia.

## KAINGANG KNOWLEDGE AS RESISTANCE AND STRENGTHENING OF INDIGENOUS CULTURE

**Abstract:** The writing of this article is the result of a bibliographical, self-ethnographic and ethnographic research, basic to explain the meaning and knowledge of the Kaingang people. Written by a Kaingang who lives the culture with his people and by an indigenist who shares struggles and studies, the text permeates the field of anthropology with knowledge that was a stimulus to give more and more life to the identifications of this original people. Given the entire historical process of domination, for a long time the “traditional knowledge” derived from the millenary knowledge of the original peoples, while being made invisible, underwent a series of undue appropriations. What is intended to be presented here is the sense of being Kaingang, which goes far beyond what many imagine it to be. It is in this motivation that we believe in the possibility of reaffirming the importance of cosmology, knowledge and ancestry that inhabit each culture, in this case, the Kaingang people.

**Keywords:** Kaingang knowledge, Indigenous culture, Cosmology, Self ethnography.

## EL SABER KAINGANG COMO RESISTENCIA Y FORTALECIMIENTO DE LA CULTURA INDÍGENA

**Resumen:** La escrita de este artículo es el resultado de una investigación bibliográfica, autoetnográfica y etnográfica, básica para explicar el significado y saberes del pueblo Kaingang. Escrito por un Kaingang que vive la cultura con su pueblo y por una indigenista que comparte lutas y estudios, el texto impregna el campo de la antropología con conocimientos que fueron un estímulo para dar cada vez más vida a las identificaciones de este pueblo originario. Dado todo el proceso histórico de dominación, durante mucho tiempo los “saberes tradicionales” derivados de los saberes milenarios de los pueblos originarios,



al tiempo que fueran invisibilizados, sufrieron una serie de apropiaciones indebidas. Lo que se pretende presentar aquí es el sentido de ser Kaingang, que va mucho más allá de lo que muchos imaginan. Es en esta motivación que creemos en la posibilidad de reafirmar la importancia de la cosmología, el conocimiento y la ancestralidad que habitan en cada cultura, en este caso, el pueblo Kaingang.

**Palabras clave:** conocimiento kaingang, cultura indígena, cosmología, autoetnografía.

RECEBIDO: 30/01/2023

ACEITO: 01/06/2024

PUBLICADO: 01/10/2024



Este é um material publicado em acesso  
aberto sob a licença *Creative Commons*  
*BY-NC*